

CARACTERÍSTICAS HEMATOLÓGICAS EM EQUINOS DE TRACÇÃO (CARROCEIRO) PORTADORES DE PARASITISMO GASTROINTESTINAL EM LAGES, SC.

Alice Piccolotto¹, Julio de Matos Vettori, Joandes Henrique Fontequê²

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária - CAV - bolsista PIVIC/UDESC.

² Orientador, Departamento de Medicina Veterinária – CAV - joandes.fontequê@udesc.br.

Palavras-chave: Hematologia. Helminologia. Equinos.

O presente trabalho tem como objetivo identificar possíveis diferenças hematológicas que o parasitismo gastrointestinal possa ocasionar em equinos utilizados para tração em meio urbano, e assim, visualizar a repercussão sistêmica dessa condição, auxiliando num diagnóstico e tratamento precoces, provendo melhoria no bem estar desses animais. Para verificar a repercussão nos valores hematológicos da infecção parasitológica gastrointestinal, foram utilizados 140 equinos sendo 90 machos e 50 fêmeas, adultos, mestiços, com peso médio de $387,3 \pm 50,21$ kg e idade média de $17,4 \pm 3,75$ anos que realizam função de tração (carroceiro), cadastrados no Programa de Extensão Amigo do Carroceiro (PAC) do CAV/UDESC no município de Lages – SC. As amostras de fezes foram colhidas diretamente da ampola retal. A identificação dos ovos e a determinação do OPG, foram realizadas por meio da técnica de Gordon e Whitlock (1939), utilizando quatro gramas de fezes homogeneizados em 56 mL de solução saturada de NaCl, em seguida tamizado e preenchidos ambos os compartimentos da câmara de McMaster, na qual os ovos foram quantificados e qualificados e o resultado multiplicado por 50. O peso dos equinos foi determinado por meio de fita de correlação com o perímetro torácico. Para a comparação dos valores hematológicos entre grupos parasitados e não parasitados será realizada Análise de Variância pelo Teste F quando testados apenas dois grupos. Quando testados mais de dois grupos será realizada a Análise de Variância (ANOVA) seguido teste de comparação de médias pelo Teste de Tukey com $p < 0,05$. O projeto ainda se encontra em andamento, portanto os dados foram apresentados em valores numéricos e percentuais sem a realização da análise estatística. As 140 amostras processadas foram divididas em três grupos de acordo com os valores de OPG, em: Grupo 1: negativo ($n=24$), Grupo 2: de 1 a 500 (OPG) (infestação leve; $n= 73$), Grupo 3: de 501 a 1000 (infestação moderada; $n=22$) e Grupo 4: acima de 1000 (infestação severa; $n=21$). O grupo que predominou foi o Grupo 2 (infestação leve) com 52,14%, seguido pelo Grupo 1 (negativo), 3 (infestação moderada) e 4 (infestação severa), com 17,14%, 15,71% e 15,00% respectivamente (Figura 1). A frequência de parasitismo intestinal foi de 82,86% dos equinos analisados utilizados para tração em Lages – SC. Valor semelhante foi encontrado por Ferraro et. al (2008), onde esta taxa foi igualmente alta (88%). Um estudo realizado no norte da Grécia por Papazahariadou et al. (2009) trouxe resultados divergentes ao deste estudo, onde equinos estabulados e mantidos em pastagem obtiveram prevalência de parasitismo de 34,5%. Todavia no estudo feito por Martins et al. (2001) os resultados foram mais

elevados com prevalência de 100% de parasitismo em equinos submetidos a necropsia, apreendidos em logradouros públicos e rodovias federais no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Outra prevalência mais alta foi obtida por Bucknell et al. (1995), com 95% de parasitismo por no mínimo uma espécie, também em estudo *post mortem*, utilizando 150 equinos na Austrália. Em estudo mais recente Piccoli et al. (2015), obtiveram resultados análogos onde 82,4% dos animais usados para trabalho eram portadores de helmintos intestinais.

Fig. 1 Gráfico referente à frequência de animais, em cada grupo, de acordo com a gravidade da infecção parasitária (negativo, leve, moderada, severa) em equinos (n=140) que desempenham função de tração no perímetro urbano do município de Lages, SC.

